

“CASTIGO É TORTURA NO PORÃO E NO CONVÉS”: VOZES DA REVOLTA DA CHIBATA NA FORMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA (EXPERIÊNCIA E APRENDIZADO EM SEMINÁRIO ESCOLAR

Janaína Porto Sobreira¹

Manuella Jamilly da Silva²

Brenda Gabriely da Silva Costa³

Ana Cecília Pereira⁴

Evelyn Vitoria da Silva⁵

RESUMO

O ano era 1910 e a recente República brasileira enfrentava o descontentamento de vários atores sociais e grupos dispostos a buscar um “lugar ao sol” na nova estrutura política do país. Foi na cidade do Rio de Janeiro, então capital republicana, que um grupo de marinheiros revoltosos com as condições desumanas dos tratamentos lhes dirigidos se organizaram na luta por dignidade e fim aos castigos impostos pela Marinha da época. Nos livros didáticos de história, é comum aprendermos sobre a Revolta da Chibata em uma perspectiva mais clássica, digamos, pois fontes e historiografia se aliam na intenção de explicar um passado real. Porém, se pensarmos na história como uma ciência que considera as rupturas e as continuidades, podemos nos valer da ideia sobre as várias faces das violências denunciadas pelos marinheiros revoltosos da primeira década do século XX ecoando na existência da população negra atualmente? Pensando nisso, este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de pesquisa e aprendizado em seminário escolar desenvolvido na disciplina de história para turma de terceiro ano nível ensino médio técnico de escola pública na região metropolitana de Natal. Para tanto, o trabalho desenvolvido e apresentado em sala de aula enfatizou as permanências da revolta focando nas marcas do preconceito racial por meio de investigação de jornais de época, poemas literários atuais e letra de samba-enredo da escola de samba carioca “Paraíso do Tuiuti” (2024). Ao realizar uma análise dos fatos ocorridos na revolta, os estudantes apresentaram uma discussão sobre o papel do negro na sociedade brasileira e pautas como “democracia racial”, racismo estrutural e violência cotidiana fazem morada em regiões periféricas de grandes núcleos urbanos brasileiros, carregando, assim, estigmas de um passado que ainda se faz presente.

Palavras-chave: Ensino de História, Revolta da Chibata, República brasileira, Democracia, Racismo.

¹Graduada em História (UFRN) e Mestra em História & Espaços (PPGH/UFRN), janainaportops@gmail.com;

²Aluna do Curso Médio e Técnico em Agroindústria da Escola Agrícola de Jundiá (EAJ/UFRN), manuellajamilly506@gmail.com;

³Aluna do Curso Médio e Técnico em Agroindústria da Escola Agrícola de Jundiá (EAJ/UFRN), brendagabriely05@gmail.com;

⁴Aluna do Curso Médio e Técnico em Agroindústria da Escola Agrícola de Jundiá (EAJ/UFRN), anace1043@gmail.com;

⁵Aluna do Curso Médio e Técnico em Agroindústria da Escola Agrícola de Jundiá (EAJ/UFRN), evyvitoria025@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os usos de metodologias educacionais para além de aulas-expositivas tendem a gerar impactos positivos na receptividade e no envolvimento do público discente. Cria-se, especialmente, um campo de atuação mútuo entre professores e alunos com objetivos concentrados num ensino-aprendizagem mais participativo, pois espera-se que alunos consigam concatenar conteúdo e gerir informações de modo que seu aprendizado também seja oportunizado na condição de protagonista-mediador na discussão de variados temas em disciplinas escolares.

Este texto nasce com a intenção de fazer uma análise de proposta de desenvolvimento de seminários em turma de terceira série nível ensino médio e técnico em Agroindústria da Escola Agrícola de Jundiá – EAJ⁶. A ideia de organizar seminários foi pensada, dentre outros motivos pedagógicos, como forma de aperfeiçoar habilidades de comunicação, no gerenciamento de tempo, na pesquisa e na atividade em grupo. Desta forma, concordamos com a seguinte concepção:

O seminário é uma técnica de aprendizagem que inclui pesquisa, discussão e debates, é um processo metodológico que necessita técnicas de estudo em um determinado assunto, buscando assim uma exposição objetiva do assunto desejado. Esta técnica promove nos alunos a competência necessária para trabalhar com capacidade de investigação, de síntese, análise e crítica. (FERRARO *et al*, 2014, p. 01).

O conteúdo sobre o processo de instauração do regime republicano faz parte da unidade temática na área de história estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC⁷ (2018). O tema discute como o Brasil, a partir da *Proclamação da República* (1889), apresentou mudanças políticas, sociais e econômicas nas primeiras décadas do século XX. Conforme se explica no livro didático escolhido pela instituição e trabalhado pela professora de história, se objetiva:

[...] compreender as propostas de república defendidas pelos diferentes atores que se envolveram nessa nova forma de governo e como os interesses políticos e econômicos da elite agrária, um dos segmentos da sociedade, se impuseram [...] veremos que a ideia de um governo voltado para o bem comum ficou pelo caminho, mas continuou viva entre aqueles que lutaram contra ou ficaram de fora do governo republicano instituído. (VICENTINO, C., VICENTINO, B., 2016, p. 48).

⁶ Unidade Acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, localizada em zona distrital do município de Macaíba (RN).

⁷ A BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia – propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. [...] A exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa torna-se possível no Ensino Médio dada a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos.

É importante mencionar que os profissionais da história têm enfatizado cada vez mais que a *República Velha* (1889 – 1930) foi marcadamente um período não idealizado para determinados grupos sociais que compunham o país até aquele momento. Desta forma, o período em questão, também chamado de “República dos excluídos”⁸ nos diz muito sobre processos de marginalização e segregação social em um país que carrega as marcas do preconceito e discriminações diversas até os dias de hoje.

A proposta dos seminários foi articulada de modo que 06 movimentos políticos⁹ presentes no período conhecido como *República Oligárquica*¹⁰(1894-1930), fossem divididos e apresentados entre os alunos da turma. Em uma das apresentações, cujo tema era *A Revolta da Chibata* (1910), verificou-se resultados interessantes na forma como tudo foi pensado e articulado pelo grupo responsável. Além da exposição do conteúdo esperado, os alunos promoveram uma discussão da revolta conectando-a com os dilemas raciais da sociedade afrobrasileira atualmente.

Para termos mais entendimento sobre o conteúdo, tomemos o trecho a seguir das pesquisadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling:

Nessa mesma leva de “**brasileiros perigosos**” estavam incluídos os marinheiros, tidos como os mais “bárbaros” da corporação. E foram eles que, entre 22 e 27 de novembro de 1910, protagonizaram nas águas da baía de Guanabara a Revolta da Chibata. **Para conter a marujada, formada por negros e mestiços, na Marinha a ordem era mantida à base da aplicação de castigos físicos, como o chicote.** A rebelião recebeu a alcunha de Revolta da Chibata justamente por representar a reação dos marinheiros à aplicação de castigos físicos. **Entretanto, ela também se encarregou de expor publicamente a violência do Estado contra a população pobre, o racismo e a crueldade reinante em meio à oficialidade das Forças Armadas.** A chibata era punição herdada da marinha portuguesa, e no Brasil ganhara uma conotação ainda mais pesada, por conta de sua associação com a escravidão. Mas, se o sistema acabara em 1888, a sevícia continuava firme na Marinha, e amparada no corpo da lei, que arrogava a ela o poder de “quebrar o mau gênio” dos rebeldes. (SCHWARCZ; STARLING; 2018, p.330). (Grifo nosso).

Os tais “brasileiros perigosos” citado acima nos provoca a pensar acerca das reações dos grupos que estavam na liderança do país e que, certamente, repudiavam

⁸ Segundo a historiadora francesa Michelle Perrot (2017), os excluídos da história compartilham o mesmo lugar de apagamento e marginalização, sendo eles: os operários, as mulheres e os prisioneiros. Na Primeira República do Brasil, fizeram parte ainda dos excluídos e criminalizados os recém-libertos da escravidão, os imigrantes desempregados e os povos indígenas.

⁹ Sobre os demais: Antônio Conselheiro e a resistência de Canudos (1896-1897); Revolta do Contestado (1912-1916); Juazeiro e padre Cícero (1889-1934); Revolta da Vacina (1904) e Movimento Operário brasileiro.

¹⁰ Período marcado pela administração da vida pública e política por elites agrárias que detinham o poder representativo regional e latifundiário – política dos governadores e coronelismo –, também à nível federal, bem como o controle eleitoral sob a forma do “voto de cabresto”.

quaisquer iniciativas políticas reivindicativas por parte de populares. É também perceptível que mecanismos de violência impostos sob a forma de punição aos marinheiros no início do século XX nos permita questionar como o pós-abolição em território nacional foi assunto mal resolvido deixando marcas, no sentido literal e simbólico, nos corpos negros que, por tanto tempo, sucumbiram à máquina escravocrata no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nos sustentamos, enquanto respaldo teórico, na noção de transversalidade educacional discutida pelo historiador José Alves Freitas Neto (2005), quando o autor compreende as disciplinas como um meio e a transversalidade como um fim, apresentando temas que ultrapassam as diferentes áreas do conhecimento não isolando-as. Pensando no público discente em geral e na certeza de que são atravessados por múltiplas realidades, ampliar a perspectiva do aprendizado se faz urgente na medida em que sofremos os impactos da vida em sociedade.

Não se pode ignorar a diversidade da vida em sociedade, tampouco menosprezar que ao fazermos parte desse todo, temas como racismo e busca por direitos humanos são imprescindíveis na formação enquanto cidadãos.

Falar em “excluídos da história” no Brasil República é compreender os processos de apagamento de grupos considerados subalternos da sociedade brasileira. Para tanto, nos valem das concepções da historiadora Lilia Schwarcz (2015) quando ela nos apresenta as várias faces de projetos republicanos que não consideravam determinados indivíduos como possuidores de direitos e cidadania. Ironicamente, como aponta a historiadora, a República idealizava um aparato político administrativo feita para todos e de todos, mas não foi dessa forma que se estabeleceu.

Ao considerarmos o Ensino de História, corroboramos com o pensamento de Circe Bittencourt quando a professora historiadora nos diz que:

[...] o Ensino de História visa contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, para que o aluno adquira uma postura em relação à sociedade em que vive. [...] tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática. [...] a constituição de um pensamento crítico é uma meta necessária para as sociedades em transformação que exigem atuações criativas [...]. (BITTENCOURT, 2023, p. 19).

Para a pesquisadora, o sentido democrático se potencializa quando estabelecemos um pensamento crítico em sala de aula. As sociedades se transformam, somos testados por novas tecnologias. Garantir uma transformação efetiva de sociedade é reafirmar nosso compromisso com o entendimento de uma história crítica.

METODOLOGIA E REFLEXÕES

Para o desenvolvimento do trabalho, o grupo dos alunos apresentadores optou pela escolha de algumas fontes conectando a temática geral com questões sobre reconhecimento da cidadania negra e dos direitos humanos. Essa sequência de escolhas apresenta um sentido transversal, pois conseguiu reunir fatos históricos com assuntos da vida real.

Uma das fontes apresentadas foi o samba-enredo chamado “Glória ao Almirante da escola de samba carioca *Paraíso do Tuiuti* (2024), que narra a história da revolta ocorrida há mais de 100 anos. Desse modo, reiterava-se as condições dos marinheiros com a adoção de protocolos com castigos e punições severas impostas pela Marinha brasileira da época aos marinheiros negros.

Também foi escolhido o poema intitulado *Certidão de Óbito*, da escritora e professora Conceição Evaristo (2017). Nesse poema, a autora trata da perpetuação da estrutura racista ainda nos dias atuais apresentando traços de violência urbana por meio de dados estatísticos e notícias de jornais que estampam índices da brutalidade contras os corpos da juventude negra brasileira.

Ainda para efeitos metodológicos, mais especificamente após a finalização do período de apresentações de seminários, optou-se pelo uso da ferramenta *Google Forms* na elaboração e aplicação de questionário com as seguintes perguntas: A apresentação com a metodologia utilizada auxiliou na sua compreensão sobre o assunto? Quais pontos abordados te chamou mais atenção? Você achou impactante as conexões que fizemos sobre a revolta e os dias atuais? Como você analisa as perspectivas usadas na apresentação e o modo que foram apresentadas? Você achou que as informações fornecidas foram completas e relevantes para entender a Revolta da Chibata? As opções de respostas permitia que os colegas pudessem escolher entre “sim”, “talvez”, “não”, “bom”, “excelente”, “regular”, “ruim”. Além de espaço para complementação das

escolhas. No total, 19 estudantes tiveram acesso ao formulário para registro de suas respostas, desconsiderando os 05 alunos¹¹ apresentadores do seminário.

Na preparação do material, como forma de fornecer suporte para o entendimento do que havia sido a *Revolta da Chibata* e de que elementos estavam vinculados a ela, os alunos apresentadores exploraram de maneira estratégica, como pudemos observar, o passado histórico estabelecendo conexões com temas sensíveis em meio a realidade do tempo presente.

Atualmente, o racismo estrutural e as disparidades sociais ainda resultam em desigualdades profundas no contexto brasileiro. Conforme escolhido pelo grupo do seminário, o poema da escritora Conceição Evaristo diz muito sobre o racismo da realidade atual no país:

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.
Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.
A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.
(EVARISTO, 2017, p. 17)

A utilização de fontes variadas foi uma estratégia pertinente no estudo ampliação do olhar e à geração de diversas perspectivas, permitindo diferentes interpretações. E, ao relacionar a Revolta com temas atuais, a exemplo da persistência da violência contra os negros, da denúncia de injustiças sociais em canções e artes visuais, da crítica ao mito da democracia racial, traz-se a possibilidade de entender como esse movimento continua ressoando na sociedade resultando em desigualdades educacionais, de saúde e econômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado em formato de seminário por grupo de estudantes apresentadores de 3º ano de Ensino Médio e Técnico em Agroindústria nos permitiu

¹¹ É importante destacar que embora a turma tenha 26 alunos matriculados oficialmente, 24 apresentam frequência assídua.

entender que o processo de ensino-aprendizagem pode, e deve, ser valorizado partindo também das múltiplas realidades do cotidiano externo à escola.

Também a História como uma compreensão do passado pelo presente e vice-versa, lembrando Marc Bloch (2002), pois amplia-se os sentidos da ciência do passado e a torna ainda mais significativa para os estudantes, tendo o presente como ponto de partida. O reconhecimento das desigualdades sócio-históricas focando do contexto histórico da Revolta da Chibata nos diz muito sobre as permanências do racismo estrutural de um passado que, insistentemente, se faz presente nas engrenagens atuais de sua existência. Assim:

Fazer conexões com o tempo presente, a partir do estudo de um movimento social de luta por dignidade humana, organizado por marinheiros no início do período republicano brasileiro, que envolve maus tratos, punições severas, revoltas, mortes e perseguições, é um meio de poder constituir um saber docente que discuta aspectos de uma cultura da violência [...] (SILVA, 2019, p. 22).

Em sua dissertação de mestrado, Levi Silva nos convida a refletir tomando como base a Revolta em sala de aula. É necessário desconstruir as engrenagens dos racismos e sistematizar um lugar de amplo sentido político na atuação de docentes cujo compromisso deve objetivar o desmonte do cenário de desigualdades raciais no Brasil.

Em linhas gerais, o seminário sobre A Revolta da Chibata nos primeiros momentos da jovem República daqueles anos, nos possibilitou assimilar como determinados projetos políticos na formação da sociedade brasileira ainda estão em curso.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber histórico em sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CERRI, L. F. **Ensino de história e consciência histórica**. Série História. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011.

FERRARO, Concetta; SANTOS, Dezembrino; LASCHUK, Eduardo; FARIAS, Gabriela; ZANELLA, Jéssica; RODRIGUEZ, Márcia; ROCHA, Pedro; CUNHA, Simone. Ensino através de seminários. In: EDEQ, 34., 2014, Santa Cruz do Sul. **Trabalho** [...] Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/edeq/article/view/11913/1761>>. Acesso em: 20 out. 2024.

NETO, José Alves de Freitas. **A transversalidade e a renovação no ensino de História**. In: _____; KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula. Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto. 2005.

NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE SAÚDE E DIREITOS HUMANOS, UnB. **Saúde Negra: homens negros são as principais vítimas de armas de fogo no Brasil, diz pesquisa**. Núcleo de Estudos sobre Saúde e Direitos Humanos da UnB, 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7ª ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

RICARDO WESTIN. Agência Senado. **Há 110 anos, marujos denunciaram chibata na Marinha e racismo no Brasil pós-abolição**: ocultada tanto pela ditadura do estado novo quando pelo regime militar, a revolta da chibata ajudou a derrubar o mito da democracia racial no país. Ocultada tanto pela ditadura do Estado Novo quando pelo regime militar, a Revolta da Chibata ajudou a derrubar o mito da democracia racial no país. 2020. Republicação pelo El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-11-11/ha-110-anos-marujos-denunciaram-chibata-na-marinha-e-racismo-no-brasil-pos-abolicao.html>. Acesso em: 22 out. 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (org.). **Brasil: uma biografia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Levi Cavalcanti. **Ensino de história e direitos humanos**: a revolta da chibata como um tema sensível para além da sala de aula. 2019. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

VICENTINO, Claudio. VICENTINO, Bruno. **Olhares da História Brasil e mundo - 3**. Ed. São Paulo: Scipione, 2016.